

"Rebelde, eu também sou. Posso discordar do governador"

Samanta Sallum
Da equipe do **Correio**

Correio Braziliense — Qual será o papel do candidato a vice do PT nesse processo de campanha eleitoral?

Sigmaringa Seixas — O vice tem uma característica diferente dos outros candidatos porque não recebe votos diretos do eleitor. Nesse momento, essa escolha serviu para fazer um ajustamento interno dentro do PT e também da Frente Brasília Popular. Entendo que meu nome é o da conciliação. Mas vou também colaborar diretamente na batalha eleitoral. Estou pronto para o embate. Quero ajudar a consolidar o projetos sociais de Cristovam e colocar uma pá de cal no ciclo populista de Joaquim Roriz.

Correio — O senhor acredita que vai ajudar Cristovam a conquistar votos em segmentos onde ele não

tem penetração?

Sigmaringa — Eu acredito que sim. Saí do PSDB em 1996 por discordar dos rumos que o partido seguiu. Ele abandonou os projetos sociais. Acredito que, com minha entrada na chapa do PT, setores que acreditaram no PSDB e decepcionaram-se, como eu, vão aderir à candidatura de Cristovam.

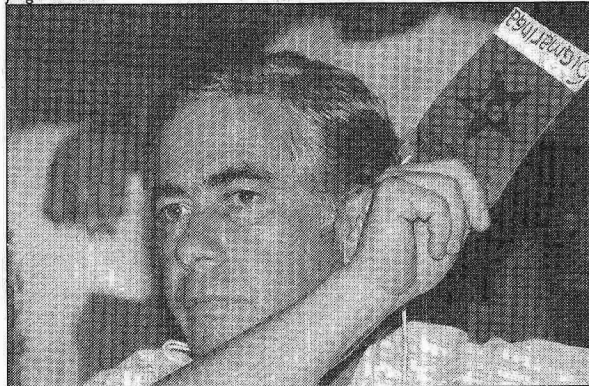
Correio — O senhor está dizendo que vai tirar diretamente votos do senador José Roberto Arruda (PSDB)?

Sigmaringa — Sem dúvida, o eleitor que votou em 1994 no PSDB e que se rebelou com a direção tomada pelo partido vai se juntar a nós.

Correio — O senhor vai utilizar sua experiência dentro do PSDB para apontar os pontos fracos do partido?

Sigmaringa — Não vou precisar fazer isso porque a própria sociedade já percebeu as fraquezas do PSDB.

Jorge Cardoso



O governo Fernando Henrique se elegeu com uma bandeira social democrata, mas as políticas implantadas por ele tem um caráter neoliberal. Isso vai enfraquecer o PSDB em Brasília. Mas se tiver que apontar esses pontos e outros, farei isso sem dúvida alguma. A pregação do PSDB hoje não tem diferença alguma em relação a do PFL e do PPB. Mas meus ataques não são pessoais e sim políticos.

Correio —

Grupos que apoiaram Magela alegaram que o senhor não era um petista puro sangue por estar há pouco tempo dentro do PT. Qual foi sua resposta para eles?

Sigmaringa — Eu até ouvi dizer isso, mas nunca essa posição foi colocada formalmente nos debates. Esse critério de tempo de partido não prevaleceu. O que prevaleceu foi minha história política. Eu e o PT sempre estivemos lado a lado nas lutas pelas causas populares. Essa identificação resultou no minha filiação e de um grupo vindo do PSDB

há um ano e meio. Fomos oficialmente convidados pela presidência regional do PT a entrarmos no partido. Fato, que me parece sem precedente na história do PT. Tenho uma relação histórica de lutas com membros do partido. Chico Vigilante, o presidente regional, já foi meu cliente. Tive a oportunidade de tirá-lo duas vezes da cadeia quando era sindicalista.

Correio — Membros do partido contam que o governador o preferiu porque considera Magela muito rebelde. O que o senhor pensa disso?

Sigmaringa — Não sei se a preferência pelo meu nome deve-se a isso. Até porque rebelde eu também sou. O diferencial talvez seja a forma de expressar a rebeldia. Sendo vice, eu posso discordar do governador. Mas não exporia isso publicamente. Como vice, eu devo no mínimo um

gesto de lealdade. Tenho uma amizade com Cristovam de mais de 20 anos. Mas submissão jamais teria. Não faz parte da minha personalidade.

Correio — O senhor já levou alguma proposta para ser incluída no programa de governar?

Sigmaringa — Estou vindo do Legislativo. Passei um tempo afastado, cuidando da minha vida profissional. Fui surpreendido com minha indicação para ser vice de Cristovam. Ainda vou sentar com ele para expor minhas idéias. Mas, por enquanto, não há nada de surpreendente. Isso é até difícil quando se tem um governador criativo como Cristovam Buarque. Tudo que poderia imaginar, ele já pensou antes de você. Mas será fácil substituir uma peça do governo de seriedade e honestidade no tratamento da máquina pública.